o segundo, de uma experiência pessoal. Entre 1952/1953, Egon Schaden idealizava e tentava imprimir, com seus vencimentos de professor, uma revista de caráter internacional dedicada à divulgação do ensino e da pesquisa da antropologia no Brasil. Lá estava o Prof. Simões de Paula estimulando-o e colocando a sua disposição os também parcos recursos financeiros e técnicos da Faculdade de Filosofia. Finalmente o primeiro número entra em composição. Tempos depois, Schaden é chamado à gráfica para ver a revista pronta. O Prof. Simões, que seguira de perto todas as tentativas de impressão, faz questão de acompanhar o seu colega até a gráfica. Ao ver a revista, Schaden não se contém e passa suavemente as mãos pela capa recém-impressa, acariciando-a quase amorosamente. Ao seu lado, contemplando-o, também emocionado porque compartilhava de sua emoção, estava o Prof. Simões. O segundo momento, dá-se meses antes de sua morte. Por razões de saúde, e já aposentado há 10 anos da Faculdade de Filosofia, o Prof. Schaden resolve passar a responsabilidade da edição da Revista de Antropologia para o Departamento de Ciências Sociais e, desta maneira, garantir a sobrevivência de seu trabalho, que os anos transformara em patrimônio cultural da Universidade de São Paulo e da própria antropologia brasileira. Ao nosso lado, estava o Prof. Simões propondo soluções e apontando caminhos para que esta passagem se desse de modo que a Faculdade não deixasse perecer trabalho de tantos anos e para que o nome de quem idealizara, fundara e dirigira a revista a ela permanecesse indelevelmente associado. E assim foi feito, porque Eurípedes Simões de Paula lá estava para garantir as condições institucionais a fim de que assim fosse feito.

É por tudo isto, e por tantas outras coisas que aqui não foram ditas, que a morte do Prof. Eurípedes Simões de Paula representa uma perda tão grande, criando um vazio difícil de ser preenchido na vida da Universidade e no coração dos seus amigos e colegas.

João Baptista Borges Pereira
Universidade de São Paulo.

*

PADRE CÉSAR ALBISETTI
1888-1977

César Albisetti foi, essencialmente, um missionário nos moldes clássicos e românticos, durante 89 anos de vida, 73 de votos religiosos salesianos e 65 de sacerdócio católico.

A tribo dos Bororo Orientais, Orári Mógo-dóge, do planalto central de Mato Grosso abrigou seu panorama, seu campo de trabalho, a partir do ano de 1914. Nele concluiu uma longa existência, a 28 de dezembro de 1977.

O homem

Um íntimo, mas acentuado etnocentrismo, acompanhou, constantemente, um indivíduo de média estatura, não atlético, de feições viris, de fibra robusta, de vontade férrea, de persistência admirável, de coragem e controle sem limites. O autocombate

ocasional ao etnocentrismo interior alimentava nele duas personalidades: a de religioso, obediente à orientação paternalística e ocidental de seus superiores, nas relações com os índios, e a de pesquisador, de horário sistemático, das coisas da tribo bororo, para as quais, nem sempre vitoriosamente, ousava olhar sem o filtro de sua cultura.

Escritor brilhante, com sabor europeu, publicou inúmeros artigos, de tendência romântico-missionária, e algumas considerações, de caráter popular, sobre certos pequenos segmentos da flora mato-grossense e de culturas agrícolas, comuns à Itália e a Mato Grosso.

Convicto cumpridor da palavra dada, nunca decepcionou Bororo ou elementos não índios. Foi administrador prudente, reto, comedido e honesto.

Levemente afônico, parece como conseqüência de moléstia da juventude, era de poucas palavras, com as quais emitia ordens e encaminhava orientações, segundo a escola do *magister dixit*. O equilíbrio e a prudência foram suas características.

Imune, por formação e convicção, a tudo que soubesse a magia e superstição, costumava lembrar, jocosamente, uma sessão de quiromância à qual se submeteu, por ocasião da visita de uma cigana à missão do Sangradouro, nos anos vinte. Essa leitura das linhas da mão, gratuita, teria sido uma forma de agradecimento pela hospitalidade que deu a um grupo de ciganos. A gitana declarou que ele sofria de lumbago agudo e crônico: e sofria. Que o lumbago o teria definitivamente deixado: e o deixou. Que teria vivido até 89 anos: e viveu. O incômodo lombar o obrigava a uma postura ereta que lhe conferia um aspeto fidalgo, dissimulador de não leve sofrimento.

Foi exímio cavaleiro e canoeiro. Nunca aprendeu a nadar.

Sua forte fibra, sua previsão e coragem foram guia seguro nas inundações sofridas pela Colônia da Imaculada Conceição em 1922, e na invasão da Colônia do Sangradouro em 1926, pela Coluna Prestes.

O religioso missionário

Um ataúde de tábuas de cedro, enegrecidas com tinta vulgar, acaba de ser fechado na igreja do Sangradouro, após a liturgia das exéquias. O Bororo Máno Kuriréu, último informante e colaborador do padre César, prega a tampa com firmes marteladas que, no silêncio do humilde templo, ecoam lugubremente, como que a darem a partida para o cortejo que levará um corpo macilento e consumido pelos anos, à mansão dos mortos.

No piedoso séquito, Bororo e Xavante revezam-se afetuosamente na porfia de entregarem à mãe Terra aquele que, para os primeiros, representara quase um herói mítico e, para os outros, algo de pertença exclusiva da tribo dos *Orári-mógo-dóge*.

Antes que o térreo manto cubra o missionário e o nivele aos religiosos e Bororo que descansam no cemitério da missão, um bóe, vindo do Merúri, entoa, ao ritmo de maracás, trechos de uma elegia: que *Bakoróro*, o rei dos mortos, venha ao encontro do velho pai dos Bororo e o receba no seu reino.

Padre César Albisetti foi, como já afirmamos, o tipo característico do missionário clássico e romântico.

Rondon orientava a catequese indígena no sentido de transformar os índios em trabalhadores nacionais. O missionário, nos centros em que desenvolveu suas atividades, promoveu a agricultura e a pecuária, de modo a oferecer, na moldura de padrões paternalísticos, trabalho aos indígenas e condições de sobrevivência e progresso dentro da sociedade sertaneja que os envolvia. As missões, por ele dirigidas, brilhavam pela abundância de produtos, pela organização, pela observância religiosa, pela vigilância firme e constante do diretor, segundo o esquema: *omnia videre; multa simulare; pauca corrigere*.

Sua persistente preocupação foi a pregação da essência do Evangelho e de seus acidentes ocidentais, com o exemplo e a palavra.

Léguas a cavalo e a pé, pelos sertões, e de canoa pelos inúmeros rios que cortam o platô mato-grossense puseram à prova sua força de vontade sempre atenta à procura de núcleos bororo, afastados das missões, para lembrar-lhes a dignidade de cristãos e levar-lhes sua amizade, sua presença, seu conforto.

O caminhãozinho Ford, de duas marchas e rodas de madeira a atravessar rios sobre pinguelas, a rede armada em pleno sertão durante as viagens, o churrasco de carne seca oferecido a visitantes amigos, o café no bule de ágata e, sobretudo, os escritos de divulgação e as fotografias, tiradas com velhas câmaras de chapas de vidro, formaram a inevitável cornija que emoldurou as asperezas missionárias em suaves nuanças românticas.

O pesquisador

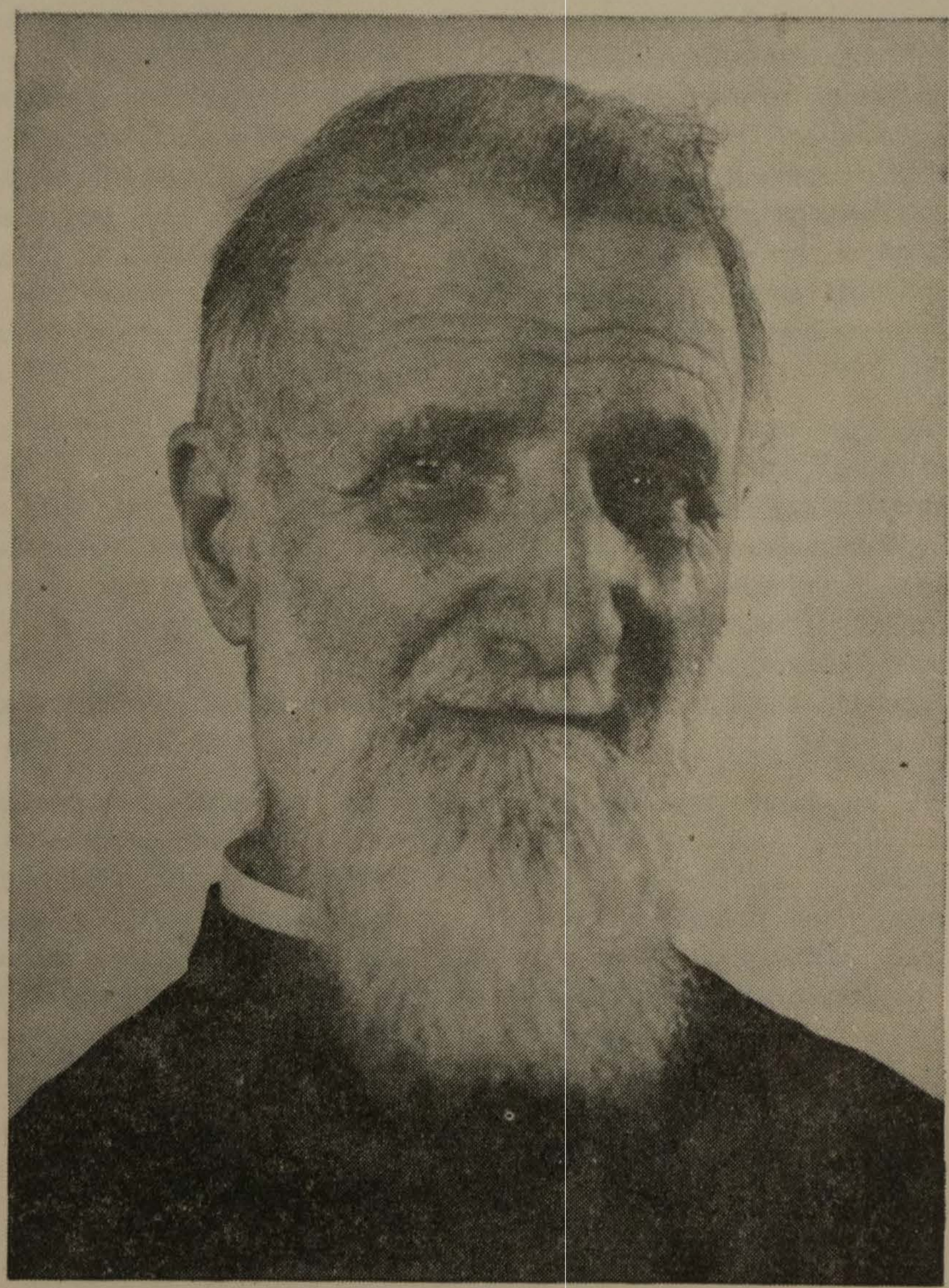
Albisetti não foi etnógrafo nem etnólogo: foi pesquisador, como dissemos, de horário sistemático. Os padres Giuseppe Pessina, Antonio Colbacchini e Antonio Tonelli serviram-lhe de paradigmas que o levaram a dedicar-se, em caráter exclusivo, à pesquisa bororo. O primeiro, como colega; o segundo, como êmulo; o terceiro, como mestre.

O índio Akirío Boróro Kejéwu (Tiago Marques Aipoburéu) desempenhou ação decisiva na pesquisa levada a termo pelo nosso biografado: serviu-lhe, intermitentemente, de informador até o ano de 1948, quando, já fixado na missão do Merúri, colaborou eficaz e diuturnamente com suas comunicações, durante dez anos, até a morte. Foi-lhe companheiro fiel, honesto, desinteressado, sequioso de ver perpetuada a cultura de sua tribo.

Padre César acatava humildemente as sugestões do co-autor que lhe indicava, entre outras coisas, a necessidade de diversificação dos informantes. Assim surgiram excelentes sabedores dos costumes bororo: Ipáre Ekíga, Kurugúgoe Erúgo, Okogéri e Máno Kuriréu.

Albisetti deixou-nos um inimitável cabedal de informações etnográficas, um exaustivo vocabulário, uma esplêndida coleção de lendas e uma insubstituível, única e magnífica compilação de textos dos cantos bororo. Deixou-nos a Enciclopédia Bororo.

Ângelo Jayme Venturelli
Missões Sangradouro e Meruri — MGN



Padre César Albisetti